



## A ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor(a): **Mírian Leite Gomes de Oliveira**

Email: **myla.leite@hotmail.com**

### **Introdução**

As pesquisas sobre os gêneros textuais e como os mesmos são relacionados às práticas sociais já são objeto de estudo da Linguística e muito já se estudou e ainda se investiga sobre o tema e sua relação com o ensino-aprendizagem de língua materna. O assunto vem sendo analisado por diferentes áreas da Linguística como: Linguística Textual, Linguística Aplicada ao ensino de línguas, Psicolinguística e Análise do Discurso. As mesmas concebem a linguagem como interação, seja ela oral ou escrita e pela qual comunicamos informações, idéias e crenças. Na perspectiva de língua como prática social, Castilho (1998) defende a valorização das diversas variações lingüísticas e propõe a incorporação da língua falada nas aulas de língua materna, considerando a importância dos conhecimentos acumulados para o desenvolvimento da aptidão lingüística dos alunos. Milanez (1993) afirma que os objetivos do professor de língua materna devem privilegiar a prática da oralidade, a reflexão, a variedade lingüística, proporcionando, ainda, uma relativa auto-suficiência do aluno. Outro aspecto que chamou nossa atenção foi o tratamento dado, pelos livros didáticos de Português (LDPs), ao ensino dos gêneros orais que, em sua maioria, ainda privilegiam os gêneros da modalidade escrita. Diante desta discussão, propomos verificar se o LDP aborda a oralidade como objeto de ensino e de que forma o faz, especialmente no Ensino Médio, tendo em vista a modalidade escrita ainda atuar como protagonista do ensino de língua materna.

1

---

### **Referencial Teórico**

São constantes as pesquisas sobre a importância de se trabalhar a oralidade na sala de aula. Autores como GERALDI (1984), CAVALCANTE e MELO (2006), MARCUSCHI (2001, 2008), ROJO (2003) e DOLZ e SCHNEUWLY (2004), por exemplo, apresentaram argumentos a favor do desenvolvimento de competências orais na escola. Geraldi (1984) aponta a “linguagem como forma ou processo de interação”, ou seja, a linguagem é vista como o lugar da interação humana, pois, é por meio dela que o sujeito que fala pratica ações e age sobre o ouvinte. Schneuwly (2004) considera a oralidade como realidade multiforme, englobando não apenas aspectos fônicos, fonológicos, de entoação, mas também explorando



lugares mais amplos do oral, como a própria materialidade do texto oral, seu enunciador, seu lugar de enunciação. Cavalcante e Melo (2006), afirmam que para o professor ter sucesso nas atividades com a oralidade na sala de aula, alguns caminhos devem ser trilhados como: orientar os alunos sobre os contextos sociais e usos dos gêneros e levá-los a familiarizar-se com as características textuais, pois apresentar um seminário, por exemplo, não é só ler em voz alta. Rojo (2003) reitera que as atividades contempladas nos LDPs estão abaixo da crítica, pois vão de encontro com as determinações dos PCN para o ensino do oral que são, tanto em produção como em compreensão, relativos aos gêneros primários e secundários; à relação entre a linguagem oral e a linguagem escrita, sejam em situações cotidianas ou públicas; à variação linguística; à modalidade oral (como dicção, entonação, pronúncia, prosódia e gestualidade). Já Marcuschi (1997) afirma que o objetivo das atividades com a oralidade na sala de aula é ensinar os alunos a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua como um patrimônio maior do qual não podemos abrir mão, ressaltando o desafio de lidar com a variação linguística no estudo da fala e aponta atividades que proporcionarão reflexão sobre essa modalidade da língua, tais como: a) audição com falas das mais diversas regiões brasileiras e de pessoas diferenciadas; b) análise da polidez e sua organização na fala; c) identificação de alguns aspectos típicos da produção oral, tais como as hesitações, os marcadores conversacionais; entre outras. Sabemos que o trabalho com a oralidade em sala de aula não é uma orientação recente, ela foi instituída como tópico de orientações curriculares oficiais para o ensino de língua materna há quinze anos. Entretanto, poucos são os manuais que oferecem atividades regulares e significativas direcionadas à fala, pois são recorrentes os exercícios limitados a “converse com o colega”, “dê a sua opinião” “em tom de conversa”, que se configuram como atividade-meio, culminando no texto escrito, e não como atividade-fim, conforme considerações de Schneuwly (2004) que afirma serem as atividades destinadas aos gêneros orais apenas oralização da escrita. O Guia de Livros Didáticos PNLD 2012 é uma publicação do Ministério da Educação com o objetivo de colaborar para que as escolas e os professores promovam uma escolha qualificada do LDP. No que diz respeito ao tratamento da língua falada, o trabalho com a linguagem oral deve, segundo o Guia PNLD/2012 – Língua Portuguesa: procurar ampliar a competência do aluno para os usos dos diferentes gêneros orais, sobretudo daqueles de registros mais formais em contextos públicos de comunicação; contemplar, de forma articulada, os conteúdos pertinentes aos eixos do ensino de Língua Portuguesa, a saber: oralidade, leitura e escrita. Tal afirmação do guia confere aos LDPs a responsabilidade de conter atividades tanto de uso da língua oral, quanto de



reflexão sobre suas características. O guia admite (p. 20 e 21) que, das onze coleções selecionadas, apenas em cinco a linguagem oral é tomada como objeto de ensino-aprendizagem, sendo que a proposta vem comentada no manual do professor. Nas seis coleções restantes, a oralidade é tratada como atividade-meio, sendo em algumas obras, episódica e pontualmente e, em outras, de forma regular e significativa, porém, constatamos contradições entre a proposta do PNLD 2012 e a prática encontrada nos LDP selecionados pelo guia.

### **Metodologia**

Inicialmente foram feitas leituras e consultas bibliográficas sobre a oralidade no livro didático para se ampliar conhecimentos sobre o tema proposto. O universo da pesquisa foram o Guia PNLD 2012 e as coleções selecionadas para a escolha dos livros didáticos pelas escolas e professores de língua portuguesa. Analisamos cinco das onze coleções selecionadas pelo Guia, voltadas para as séries do Ensino Médio, conforme lista a seguir: **PORTUGUÊS: LINGUAGENS (LDP1); SER PROTAGONISTA – PORTUGUÊS (LDP2) LÍNGUA PORTUGUESA – LINGUAGEM E INTERAÇÃO (LDP3); PORTUGUÊS – CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO (LDP4); NOVAS PALAVRAS – (LDP5)**. O critério dessa escolha foi o de que os livros estivessem entre os onze classificados pelo Programa Nacional do Livro Didático – Ensino Médio (PNLD, 2012). A modalidade trabalhada foi a pesquisa qualitativa e os instrumentos utilizados foram a observação documental, registros de dados e questionário aberto para professores, sendo que só a análise das coleções será abordada nesta apresentação. A seguir comentaremos sobre os exemplares que compõem o *corpus* desta pesquisa e a caracterização das coleções investigadas contendo informações descritivas das obras.

### **Resultados**

Numa visão geral das coleções que são apresentadas em três volumes, há seções para o trabalho com a leitura e interpretação de textos, momento em que os autores apresentam textos em diversos gêneros textuais (contos, poesias, relatos, cartas, entrevistas, publicidade, reportagens, entre outros); seções para o trabalho com a língua, apresentando tópicos voltados ao trabalho com a gramática (conceitos e regras sobre o funcionamento da língua), com a ortografia e com a linguagem (verbal, não verbal e mista); seção para o trabalho com a produção de textos (planejamento, escrita, avaliação) e, esporadicamente, seção voltada para o trabalho com a oralidade. No que se refere ao trato com a oralidade nos



LDPs, observamos que as propostas de atividades, de forma regular e significativa, se efetivam em apenas uma das cinco coleções analisadas. Nas demais coleções a oralidade é tratada de forma esporádica e pontual, não atendendo aos critérios exigidos pelo Guia PNLD/2012, conforme segue. No LDP1 as atividades relativas à oralidade aparecem nas seções intituladas “Produção de texto”, que, apesar de apresentarem propostas de textos orais e de textos escritos, o exercício da oralidade ocorre em escala bem menor. Um ponto positivo que a coleção apresentou foi na seção destinada ao gênero seminário, no qual há a preocupação em marcar o plano textual com detalhamento das etapas, indicação do registro adequado e de estratégias de organização da atividade, como postura do participante, escolha do moderador, filmagem e avaliação final. Com os demais gêneros, verificamos que as atividades configuram-se como exercício de oralização, nos comandos do tipo: “comente com seus colegas”; “reúna-se com seus colegas e dê seu ponto de vista sobre o texto lido”, entre outros. O LDP2, em cada um dos volumes, também nas seções “Produção de Texto”, explora um gênero oral: comunicação oral, no volume 1; debate regrado, no volume 2; seminário, no volume 3. Porém, há poucas atividades que favoreçam o desenvolvimento da linguagem oral do aluno, portanto, são poucas as oportunidades de exploração de atividades desse eixo de ensino. Na terceira coleção analisada (LDP3), verificamos que as atividades referentes à oralidade acontecem de forma regular e significativa, contemplando as orientações dos PCNs, do Guia PNLD 2012 e das concepções norteadas pelos autores supracitados. Há, nessa coleção, uma seção intitulada “Linguagem oral”, que apresenta propostas de atividades que levam o aluno à reflexão e ao exercício de diferentes gêneros orais (exposição oral, debate, a entrevista, mesa-redonda, entre outros). Merece destaque na coleção o trabalho com a prosódia e a sistematização de procedimentos de fala e de escuta atenta, com sugestão de tomadas de notas, o que contribui para o desenvolvimento da competência do aluno no exercício da oralidade, conforme procedimentos apontados por Marcuschi (1997). A quarta coleção pesquisada (LDP4) é composta de três volumes e dividi-se em literatura, gramática e produção de texto. Na parte destinada a literatura há uma seção denominada “Jogo de ideias” com atividades cujo objetivo é orientar o aluno, após a leitura do texto proposto, responder oralmente aspectos do que ele estudou em cada capítulo, configurando-se numa proposta de oralização e não trabalho com oralidade. Na parte destinada a produção de textos, verificamos que a coleção investe pouco em orientações detalhadas para as produções orais. Portanto, a oralidade é tratada superficialmente, não proporcionando o exercício de reflexão com os gêneros orais. Na quinta coleção (LDP5), a presença de oralidade é eventual e esporádica, caracterizando-se,



portanto, como atividade meio, e não como objeto de ensino-aprendizagem. Novamente as atividades de oralização são explorados com comandos do tipo: “comente com seus colegas”; “dê seu ponto de vista sobre o texto lido”, entre outros, funcionando, ora como estratégia para fixação do conteúdo abordado, ora sob a forma de reconto, explicitação de opinião ou expressão do pensamento.

### **Considerações finais**

Diante do que já discutimos sobre os gêneros textuais, procuramos examinar as propostas das coleções no que se refere ao tratamento com a oralidade e os gêneros textuais mais próximos do oral, em busca de compreender se os mesmos são usados de forma regular e sistemática ou esporadicamente. A investigação nos mostrou que as propostas de atividades com os gêneros orais, em sua maioria, não trabalham a oralidade de forma eficiente apesar de abordar alguns gêneros como: entrevista, exposição oral, debates. Verificamos que os exercícios que se dedicam à oralidade privilegiam atividades de oralização da escrita ou atividades que culminam com textos escritos. Merece destaque o LDP3 que, seguindo as orientações apresentadas pelo Guia PNLD 2011 e por Marcuschi (1997), propõe atividades que estimulam o aluno a desenvolver a capacidade da escuta atenta e compreensiva, proporcionando analisar as características mais marcantes da estrutura lingüística na fala, tal como retomadas, as estruturas oracionais entre outras. Tendo como pressuposto que os livros didáticos deveriam trabalhar com a oralidade, verificamos que pouca atenção tenha sido dada a essa modalidade, afetando a formação do aluno no que concerne às capacidades de argumentação, contra-argumentação, exposição e refutação tão essenciais ao acesso aos usos da linguagem oral.

### **Referências**

- BRASIL. *PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria do Ensino Fundamental – SEF. Versão agosto/1996. Equipe Central: K.L. Bräkling; R. A. Soligo & T. Weisz.
- \_\_\_\_\_. *Guia de livros didáticos: PNLD 2012 : Língua Portuguesa*. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.
- CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CAVALCANTE, Marianne. B.; MELO, Cristina T. V. *Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática*. In: Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GERALDI, J. V. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 2 ed. Cascavel: Assoeste, 1984.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P. ; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro, Lucerna: 2003 b.
- MILANEZ, W. *Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português*. Campinas: Sama Editora, 1993.



SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Rojane Rojo e Glais S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.